

Rede de cidades amazônicas: Belém, Santarém, Manaus e Rio Branco.

Graciete Guerra da Costa

Professora da FAU da Universidade de Brasília

gracietedacosta@gmail.com

Marcílio de Oliveira Sudério

Professor do IESB de Brasília e Arquiteto/AMIL

marcilio.suderio@ig.com.br

RESUMO

A Amazônia brasileira ocupa 63% do território nacional, com seus 510 milhões de hectares. Esta comunicação busca observar a história da ocupação de quatro cidades da Região Amazônica: Belém - Pará (1616), Santarém - Pará (1661), Manaus - Amazonas (1669), e Rio Branco - Acre (1882), para concluir que existe uma rede de cidades amazônicas. A América entrou na História com a aventura de Cristóvão Colombo, em 1492. Pelo Tratado de Tordesilhas, firmado em 7 de junho de 1494, a maior parte das terras da Amazônia passou a ser de posse da Espanha. Em 1498, Cristóvão Colombo chegou à altura da foz do Rio Orinoco, ainda que não se tenha reconhecido nisso o indício de ser a nova terra de um continente. De 1535 a 1542, diversas expedições tentaram penetrar o Amazonas, porém, fracassaram. O privilégio do descobrimento do Rio Negro coube, inteiro, a Francisco de Orellana, que realizou a primeira expedição ao longo do Rio Amazonas, descendo-o a partir dos Andes, e lhe pôs nome a 3 de junho de 1542. Dessa forma, a Amazônia manteve-se inexplorada durante a maior parte do século XVI, sendo alvo de maior interesse somente a partir da segunda metade desse mesmo século (1580), por cobiça principalmente dos holandeses, franceses, ingleses e irlandeses. Apesar das Coroas de Portugal e da Espanha estarem unidas sob o comando da segunda na época da chegada dos luso-brasileiros à foz do Rio Amazonas, em 1616, com a fundação da cidade de Belém, a ocupação da Amazônia brasileira, a partir daí, foi um ato essencialmente político sob a regência de Portugal, encomendada aos luso-brasileiros pelo rei castelhano. Em 28 de outubro de 1637, a expedição de Pedro Teixeira subiu o Rio Amazonas, abrindo as comunicações com Quito, provando-as exequíveis, tornando melhor conhecido o trecho entre os Andes e o Atlântico. Somente depois da viagem de Pedro Teixeira começou o devassamento do território amazonense. Os sertanistas, partindo de Belém, Gurupá e Cametá, foram adentrando em viagens ousadas, com a fundação da cidade de Santarém em 1661, passando do Tapajós para o lado do Ocidente, região conhecida por Sertão das Amazonas, rumo as colônias espanholas. Buscavam ouro e drogas do sertão. Capturavam indígenas para o trabalho escravo. A Fortaleza de São José da Barra, ou Fortaleza, ou Forte da Barra de São José do Rio Negro, de São José ou Casa Forte foi erguida – provavelmente em 1669 – em lugar adequado, resguardando o Rio Negro das incursões consideradas inimigas. Em seguida, veio a fundação da cidade de Rio Branco, no Acre, ocorrida em 28 de dezembro de 1882.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia, Cidades Amazônicas, Fundação.

I - INTRODUÇÃO

O presente artigo, utilizando material cartográfico disponível, busca estudar a ocupação da Amazônia brasileira e suas primeiras formas de ocupação e fundação das principais cidades, observando,

particularmente, a contribuição de cartógrafos e engenheiros militares na construção de um espaço ainda não ocupado na Região Amazônica.

Essa ocupação se refere à história da ocupação de quatro cidades: Belém - Pará (1616), Santarém - Pará (1661), Manaus - Amazonas (1669), e Rio Branco - Acre (1882), para concluir que existe uma rede de cidades amazônicas.

A rede de cidades escolhida configura uma pesquisa mais ampla em uma das áreas mais importantes da região, pois tem como nós em seus “extremos”, seus dois maiores núcleos urbanos (Belém e Manaus). Alguns de seus subprodutos foram apresentados em congressos e simpósios internacionais de história da arquitetura. Como eixo de fluxos variados, configura o corredor de transporte de mais significativo volume de capitais, produtos e pessoas, sendo a via que dá acesso à foz do Rio Amazonas. Configura também o mais característico meio de transporte da Amazônia, o curso de alguns de seus maiores rios, tais como: Amazonas, Solimões, Negro, Purus, Madeira, Tapajós, Trombetas e Xingu. Em termos aeroviários, a rede em questão é a rota de quatro, dentre os quais dois, dos mais importantes aeroportos da região norte.

Para que se compreenda o processo de ocupação da Amazônia, e se reconheça a sua importância, é fundamental que busquemos suas raízes históricas¹.

A América entrou na História com a aventura da viagem de Cristóvão Colombo, em 1492. Pelo Tratado de Tordesilhas, firmado em 7 de junho de 1494, a maior parte das terras da Amazônia passou a pertencer à Espanha. Porém, a Coroa espanhola dedicou pouca atenção à região durante o século XVI, pois não havia ainda encontrado quaisquer fontes de riqueza imediata que lhe fosse interessante, a exemplo do que ocorreu em outras áreas de colonização².

¹ PONTES FILHO, Raimundo P. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2000.

² REIS, Arthur César Ferreira. **A Amazônia e a integridade do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.



Figura 1 - Mapa mostra a linha de demarcação do Tratado de Tordesilhas (1494)

Fonte: Biblioteca do Exército.

Em 1498, Cristóvão Colombo chegou à altura da foz do Rio Orinoco. Dois anos depois, a expedição comandada por Vicente Yañez Pizón atingiu o território do atual Brasil e alcançou o estuário do Rio Amazonas, tomando posse em nome da Espanha e o batizando de “Santa Maria de la Mar Dulce”. Em 1500, Pedro Álvares Cabral chegou à atual Bahia, no que foi considerado o Descobrimento do Brasil.

“Segundo os dados oficiais, muitas expedições foram realizadas com a finalidade de conquistar a Amazônia. Os espanhóis foram os que mais tentaram, chegando a realizar, entre 1500 e 1570, vinte e duas expedições. Os ingleses empreenderam oito (...) Os franceses, no mínimo, sete (...), enquanto os holandeses tentaram cinco vezes. Os portugueses realizaram apenas três (...) Aliás, a última dessas expedições patrocinadas por Portugal à Amazônia resultou na fundação do forte do Presépio, em 1616”³.

³ PONTES FILHO, Raimundo P. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2000. p.47.

Figura 2 - Mapa mostra a localização das quatro cidades: Belém, Santarém, Manaus e Rio Branco.
Autor: INPE - Fonte: www.inpe.gov.br

F

II - BELÉM - PARÁ (1616)

A primeira expedição européia a navegar por toda a extensão do Rio Amazonas foi a do espanhol Capitão Francisco de Orellana⁴ que, em 1542, fez o reconhecimento de sua foz e lhe deu o nome atual. O viajante encontrou as margens do rio e de seus afluentes densamente povoadas⁵, com aldeias atingindo várias “léguas” de extensão, algumas das quais considerou bem construídas, com “vias” longas, amplos ancoradouros e muitos barcos. Nelas, os espanhóis conseguiram, em troca de objetos de pouco valor, a alimentação necessária para a manutenção da expedição pioneira. Os nativos cultivavam milho, mandioca e inhame, e dedicavam-se ainda à caça, à pesca e à criação de tartarugas.

⁴ CARVAJAL, Frei Gaspar de. **Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana**. São Paulo: Scritta, 1992.

⁵ MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fundação de Manaus**. Manaus: Metro Cúbico, 1994. pp.16-19.



Figura 3 - Brasão da cidade de Belém, concebido em 1625.
Autor: Capitão-Mor Bento Maciel Parente. Pintura em tela de Maurice Blaise, 1896.

A fundação da cidade de Belém⁶ culminou com a grande cruzada das monarquias ibéricas contra a presença estrangeira no litoral norte de Pernambuco. Em 12 de janeiro de 1616, Francisco Caldeira Castelo Branco fundou a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, edificando o Forte do Presépio, marco da fundação da cidade, naquele mesmo ano de 1616, Portugal e Espanha plantaram-se à foz do Rio Amazonas e se preparavam para o combate contra os ingleses e holandeses, então donos do vantajoso comércio na calha do grande rio das amazonas.

Sempre generosos na distribuição de nomes evocativos, os portugueses designaram inicialmente a terra de Feliz Lusitânia, para lembrar que a conquista era lusa, embora Portugal e Espanha estivessem unidos pelo mesmo cetro real. A igreja, erguida na fortaleza, ficou sob a invocação de Nossa Senhora da Graça⁷.

O Forte do Presépio, erguido às margens do Rio Pará, dominava a sua grande bacia e voltava-se para o estuário do Amazonas e se abria para as águas, as ilhas e as matas amazônicas. A localidade alta, de quatro a cinco braças acima do nível comum das terras, adaptava-se bem aos dispositivos de defesa militar. Tinha duas faces para os dois rios, sendo por esse lado escarpada, ligada ao continente por uma estreita faixa de terra, fácil seria isolá-la e defendê-la. O forte erguido era de paliçada, em quadrilátero, feito de taipa de pilão na parte do rio e guarnecido por cestões na parte de terra. Peças de artilharia apontavam para os inimigos eventuais. Caldeira Castelo Branco veio de São Luís do Maranhão atraído pelo brilho da Estrela de Belém que iria nascer no Forte do Presépio, primeiro nome da antiga fortaleza. Hoje se chama Forte do Castelo.

⁶ PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. *Os caminhos de Belém*. Belém: AGIR S.A. Editora. 1996.

⁷ TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade*. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1976.

Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará - a misericórdia da Santa e a grandeza do rio. *Parauassú*, "rio grande" na linguagem dos Tupinambás, abreviado para Rio Pará - é o desagudouro dos rios Moju, Acará e Guamá, formando a Baía de Guajará no ponto em que se ergue a cidade de Belém⁸.

Os exploradores portugueses acreditaram que a estrela de Belém guiara Castelo Branco até chegar a bom porto. *Transeamus usque Bethlem*, segundo o Evangelho de São Lucas⁹.

O rio e a floresta para o primitivo habitante da região, como também para o conquistador que queria dominá-la, foram e serão sempre as entidades modelares da cultura amazônica, imprimindo-lhe identidade própria ao longo do seu processo sócio-histórico. E sobre as águas da floresta e em meio à floresta, no correr dos séculos XVII e XVIII, dar-se-ia a ampla e envolvente penetração do conquistador, colono ou missionário, no *hinterland* amazônico, explorando suas riquezas e modelando a sua fisionomia pluriétnica.

Historicamente, o Forte do Presépio foi o ponto de irradiação de forças civis, militares e eclesiásticas que se lançaram na construção da Belém seiscentista.

Ao longo da primeira metade do século XVII, a cidade ganhou as suas primeiras ruas, saídas, todas, da área dominada pelo Forte e pela Igreja Nossa Senhora da Graça, a primeira erguida na cidade. Também nesse período observaram-se as primeiras edificações civis e eclesiásticas, feitas com materiais simples, predominantemente de taipa e taipa de pilão.

Acanhada entre o rio e o igarapé, cercada por grandes massas hídricas e florestais, Belém chegou à primeira metade do século XVII como um núcleo colonial sem maior expressão.

III - SANTARÉM - PARÁ (1661)

A primeira expedição portuguesa a correr todo o Rio Amazonas foi a de Pedro Teixeira, em 28 de outubro de 1637, que subiu o Rio Amazonas, abrindo as comunicações com Quito (Peru), provando-as exequíveis, tornando melhor conhecido o trecho entre os Andes e o Atlântico¹⁰.

Sua frota era formada por quarenta e sete canoas com setenta soldados portugueses, movida por cerca de mil e duzentos índios e negros. No caminho, fundou o povoado de Franciscana, na junção dos rios Solimões e Aguarico, marco da futura posse lusa na região.

⁸ TOCANTINS Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará**. Rio de Janeiro: 2ª Edição. Editora Civilização Brasileira, 1976.

⁹ AZEVEDO, João Lúcio de. **Os jesuítas no Grão-Pará**. Lisboa: 1901.

¹⁰ COSTA, Graciete Guerra da. **MANAUS: Um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano**. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.



Figura 4 - Expedição de Pedro Teixeira em 1637-1639. Autor: PONTES FILHO, Raimundo Ferreira. *Estudos de História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2000.

Somente depois da viagem de Pedro Teixeira começou o devassamento do território amazonense, entre 1637 e 1639. Buscavam ouro e drogas do sertão. Capturavam indígenas para o trabalho escravo¹¹.

A viagem de Pedro Teixeira foi importante porque abriu caminhos para novas expedições e ganhou significação na geopolítica colonial na busca das drogas do sertão.

Portugal solicitou a atuação dos missionários na Amazônia para catequizar, civilizar e pacificar os índios. Os missionários religiosos eram funcionários da Coroa Portuguesa, e recebiam pagamento pelos serviços prestados. Assim, diversas ordens religiosas vieram para a Amazônia, e coube à Companhia de Jesus as terras que ficassem ao sul do Rio Amazonas, ou seja, da margem direita.

Em 1639 Bento Maciel - Sargento-mor da Capitania do Cabo Norte - investe de surpresa sobre a aldeia dos índios Tapajós, com fúria implacável, dizimando grande número de índios. Os sertanistas, partindo de Belém, Gurupá e Cametá, foram adentrando em viagens ousadas, mas foi o Padre Antônio Vieira o primeiro jesuíta que veio expressamente ao Tapajós.

Em 22 de junho de 1661, o Padre João Felipe Bettendorf instalou uma missão na aldeia dos índios Tapajós, dando origem à fundação da cidade de Santarém, situada na micro-região do Médio Amazonas, a 36m de altitude, na confluência dos rios Amazonas e Tapajós, distante 1369 quilômetros de Belém. Situa-se a 2º 24' 52" de latitude Sul e 054º 42' 36" de longitude Oeste, na região do oeste paraense, na meso-região do Baixo Amazonas, na micro região de Santarém e localiza-se à margem direita do Rio Tapajós, na sua confluência com o Rio Amazonas. Trinta e seis anos mais tarde, em 1697, ocorreu a inauguração da Fortaleza do Tapajós, numa colina próxima ao Rio Tapajós, para melhor proteção dos ataques de estrangeiros.

Na primeira metade do século XVII, os portugueses deram início a um processo sistemático de exploração e ocupação do interior amazônico. De São Luís do Maranhão, enviaram para a região uma série de expedições

¹¹ COSTA, Graciete Guerra da. *The City, thr forest and the center: configurational analysis of Manaus*. 5th International Space Syntax Symposium, Delft, THE NETHERLANDS, 13-17 June 2005.

de resgate¹², empenhadas em capturar e escravizar indígenas e recolher drogas do sertão. Por vezes, acabaram por fundar povoados (como o da enseada do Rio Tarumã), por outras, apenas descobriram bons sítios para a montagem dos acampamentos das tropas-de-resgate¹³ (formadas por militares, religiosos, índios, degredados e prostitutas). “Enquanto os soldados expedicionários executavam verdadeiras caçadas humanas, os missionários pioneiros procediam à catequese, tentando agrupar índios Tarumãs e tribos vizinhas”¹⁴. A chegada dos jesuítas a Belém, liderados pelo Padre Antônio Vieira, fez surgir os primeiros obstáculos a aquelas operações¹⁵.

IV - MANAUS - AMAZONAS (1669)

Em seu relato da viagem, frei Gaspar de Carvajal¹⁶ descreveu a chegada dessa expedição à região. Acredita-se que a aldeia a que se refere seja a grande aldeia dos Manáos.

*“Em cada porto, havia uma multidão de índios (...) Esta aldeia se estendia por mais de duas léguas e meia (...) No sábado, o Capitão mandou aportar em uma aldeia onde os índios se preparavam para se defender; apesar disso, os expulsamos de suas casas. Provimo-nos de comida (...). Nesse mesmo dia, prosseguimos viagem, vimos a boca de um outro grande rio que entrava pelo que navegávamos, pela margem esquerda, cuja água era negra como tinta e, por isso, o denominamos **Rio Negro**; suas águas corriam tanto e com tanta ferocidade que por mais de vinte léguas faziam uma faixa na outra água, sem com ela misturar-se. Nesse mesmo dia, vimos outras aldeias”¹⁷.*



Figura 5 - Planta croqui da Cidade de Manaus de 1852, mostra os quatro tabuleiros, onde a cidade se instalou. Autor: J. B. de F. Tenreiro Aranha. Fonte: www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS em 05/01/2006.

Foi difícil a ocupação do Rio Negro por parte dos europeus. Dominavam o vale quase inteiro os índios Manáos, que se distribuíam pela Zona do Alto, do Uarirá até a ponta inferior da Ilha de Timoni, fronteira à Barra do Rio Xinará.

¹² **Resgate** - eram destacamentos de soldados que protegiam e promoviam o tráfico de escravos indígenas na região.

¹³ MARTIUS, Carl Friedrich e Spix, Johan Baptist Von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/INL, 1975. p. 35, Tomo 3.

¹⁴ AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Amazônia do discurso à práxis**. São Paulo: EDUSP, 2004, p.203.

¹⁵ AZEVEDO, João Lúcio de. **Os jesuítas no Grão-Pará**. Lisboa: 1901.

¹⁶ CARVAJAL, Frei Gaspar de. **Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana**. São Paulo: Scritta, 1992.

¹⁷ CARVAJAL, Frei Gaspar de. **Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana**. São Paulo: Scritta, 1992. p.69.

Em 1668, o general Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, primeiro Governador do Maranhão e Grão-Pará, determinou que o capitão Francisco da Mota Falcão erguesse um posto avançado e fortificado, capaz de controlar a circulação de embarcações holandesas ou espanholas junto aos rios Negro, Solimões e Amazonas.

A região onde os portugueses o implantaram correspondeu ao local de um dos antigos acampamentos de tropas de resgate, e foi escolhido em função de suas características estratégicas militares: um grande platô de desenho triangular, vastamente irrigado, localizado à margem esquerda do Rio Negro, próximo à confluência com o Rio Solimões.

Em sentido estritamente didático, é possível afirmar que o cateto menor desse triângulo irregular corresponde à linha ribeirinha que se desenvolve da foz do Rio Tarumã-Açu (a oeste) até a curva do Rio Negro (na porção sul); que o cateto mediano desenvolve-se da curva citada à foz do braço do Rio Puraquequara (a leste), já acompanhando o Rio Amazonas, após o chamado “encontro das águas” dos rios Negro e Solimões; e que o cateto maior corresponde à linha interiorana que une as duas fozes. Desta vasta gleba de terra – hoje praticamente toda ocupada pela cidade de Manaus – uma fração menor foi escolhida para a construção de uma fortificação: um sítio localizado junto ao cateto menor, todo banhado pelo Rio Negro, desta vez delimitado pelos igarapés¹⁸ de São Raimundo e dos Estudantes. Segundo o geógrafo Aziz Nacib Ab’Sáber, o sítio onde foi implantado o forte “possui uma situação absolutamente privilegiada em face das extensões amazônicas e do gigantesco quadro de drenagem da bacia hidrográfica regional”¹⁹.

A Fortaleza de São José da Barra, ou Forte da Barra de São José do Rio Negro, ou Forte de São José, ou Casa Forte, foi erguida – provavelmente em 1669 – em lugar adequado, resguardando o Rio Negro das incursões consideradas inimigas. Era uma porção ribeirinha de um sistema de colinas tabuliformes, à altura de 44,99 metros sobre o nível do mar, aos 003° 8’ 7” de latitude Sul e 060° 61’ 34” de longitude Oeste de Greenwich.

A autoria do projeto (ou do desenho) do Forte da Barra é atribuída ao próprio capitão Francisco da Mota Falcão, ajudado pelo filho Manuel da Mota Siqueira que, segundo o ouvidor Francisco Xavier Ribeiro Sampaio, era “grande sabedor de assuntos militares”²⁰. Uma fortaleza de forma quadrangular foi erguida em taipa de pilão, sem fosso. Em torno dessa construção se agruparam índios Manáos, Barés, Banibás, Passés, Aroaquis, Juris e de outras tribos; não tardou e começou a se desenvolver o povoado que deu origem à atual cidade de Manaus.

V - RIO BRANCO - ACRE (1882)

A região, hoje conhecida como município de Rio Branco, a capital do estado do Acre (o nome Acre origina-se de Áquiri, transcrita pelos exploradores desta região da palavra Uwakuru do dialeto dos índios Ipurinã.), foi fundada em 28 de dezembro de 1882, com o nome de Seringal Empresa pelo cearense Neutel Maia. Em 1904,

¹⁸ Igarapés - [do tupi iara'pé, “caminho d’água”.] São canais naturais, estreitos, entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme. Os banhos de igarapé faziam parte do hábito do Amazonense.

¹⁹ AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Amazônia do discurso à práxis**. São Paulo: EDUSP, 2004. p.201.

²⁰ SAMPAIO, Ribeiro de. **1825** - Diário da viagem que em visitaçao e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro, fez o ouvidor e intendente-geral da mesma, nos anos 1774 e 1775 Lisboa: Typ. da Academia. In: MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fundação de Manaus**. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1994.

após a anexação definitiva do Acre ao Brasil, foi elevada à categoria de vila, tornando-se sede do departamento do Alto Acre.

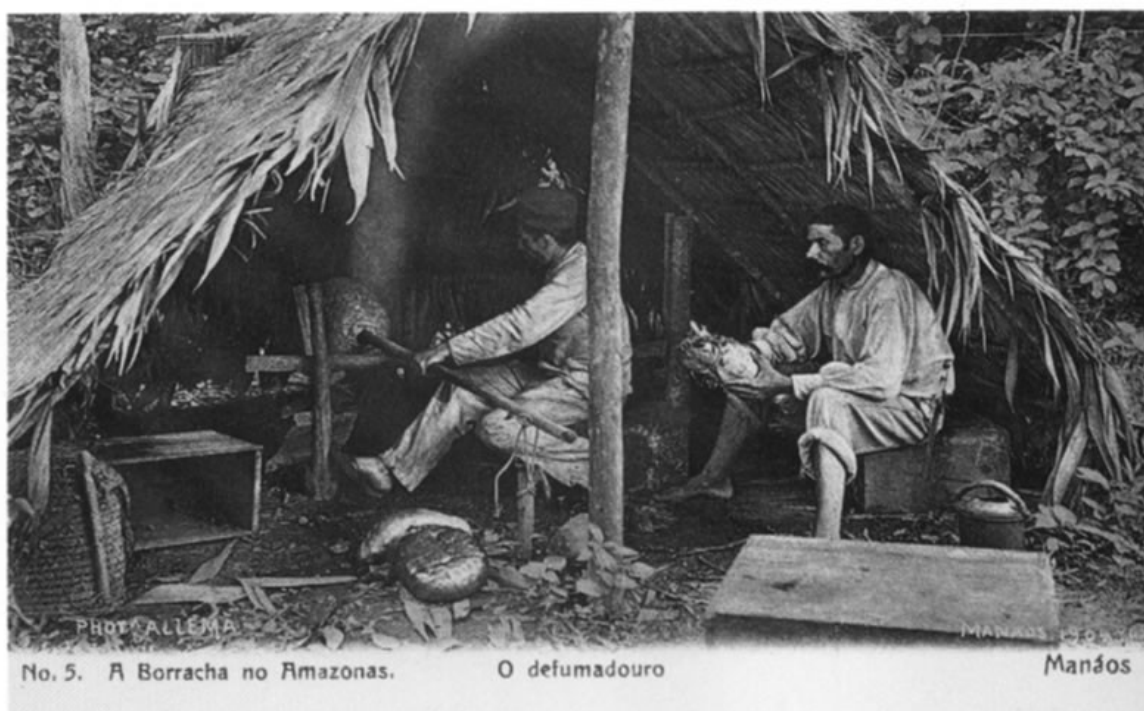


Figura 6 - Beneficiamento de borracha - Fonte: www.am.trfl.gov.br/biblioteca/MANAUS em 05/03/2009.

Numa pronunciada volta do Rio Acre, uma frondosa árvore, a Gameleira, chamou a atenção de exploradores que subiam o rio e levou-os a abrir novos seringais ali mesmo. Neutel Maia, juntamente com sua família e trabalhadores que trazia para a produção de borracha, fundou seu primeiro seringal à margem direita do rio Acre (onde hoje está localizada a árvore da gameleira), iniciando ali as construções de barracões e barracas; em terras antes ocupadas pelas tribos indígenas Aquiris, Canamaris e Maneteris – dando o nome de Seringal Volta da Empresa (onde hoje está localizado o chamado Segundo Distrito), por estar assentado onde o rio faz a curva. Em seguida, abriu outro seringal na margem esquerda do rio Acre, onde hoje está instalado o Palácio do Governo do Acre, com o nome de Seringal Empresa.

VI - CONCLUSÃO

As fontes existentes da história da ocupação dessas quatro cidades da Região Amazônica: Belém - Pará (1616), Santarém - Pará (1661), Manaus - Amazonas (1669), e Rio Branco - Acre (1882), indicam que a definição de uma estratégia portuguesa de ocupação territorial, econômica e política da Amazônia brasileira ocorreu a partir de 1615.

A entrada na região deu-se de leste para oeste, pela calha do Rio Amazonas, e de sul em direção ao norte e ao noroeste, partindo de São Paulo, já em fins do século XVII.

Paulatinamente, o espaço amazônico foi sendo desvendado e integrado econômica e politicamente à colônia americana de Portugal. A estratégia utilizada foi: proceder à expansão territorial e à fortificação das terras conquistadas aos seus primitivos habitantes; tornar a região economicamente rentável por meio de exploração

de matérias-primas que tinham valor no mercado europeu, as chamadas "drogas do sertão"; converter o índio (ou gentio, como era chamado) à fé cristã, e dessa forma apossar-se de suas terras, dos recursos naturais que continham, de sua força de trabalho e das possibilidades de procriação da mulher indígena.

A espinha dorsal da ocupação portuguesa da Amazônia foi o indígena: seu braço, seu cérebro e o ventre da mulher índia. O índio amazônico foi a ponta-de-lança que garantiu a Portugal na época do Tratado de Madri (1750), o maior território possível na Amazônia. Por isso, como afirmou Joaquim Nabuco, "os gentios foram as muralhas do sertão". Sua importância não se restringiu ao papel do soldado ou ao explorador das "drogas da mata", que só ele sabia onde encontrar. Foi também o remo, a bússola, o provedor de alimentos e de braços²¹. Em suma, o instrumento para a implementação do projeto geopolítico da Coroa portuguesa em seus enfrentamentos com outros colonizadores europeus.

O imperativo de demarcar os limites setentrionais da colônia levaram à construção de fortalezas militares em locais estratégicos, na calha do Rio Amazonas, que deu origem, terra a dentro, a uma rede de cidades amazônicas, entre 1612 e 1802.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Amazônia do discurso à práxis**. São Paulo: EDUSP, 2004. p.201.
- AZEVEDO, João Lúcio de. **Os jesuítas no Grão-Pará**. Lisboa: 1901.
- RIBEIRO, Berta G. **Amazônia Urgente: Cinco Séculos de História e Ecologia**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1990.
- CARVAJAL, Frei Gaspar de. **Relatório do novo descobrimento do famoso rio grande descoberto pelo capitão Francisco de Orellana**. São Paulo: Scritta, 1992. p.69.
- COSTA, Graciete Guerra da. **MANAUS: Um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano**. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.
- COSTA, Graciete Guerra da. **The City, thr forest and the center: configurational analisys of Manaus**. 5th International Space Syntax Symposium, Delft, THE NETHERLANDS, 13-17 June 2005.
- COSTA, Graciete Guerra da. **The Morphology of Manaus downtown**. 4th International Space Syntax Symposium, London, 17-19 June 2003.
- NABUCO, Joaquim. **Documentos de Origem Portuguesa**, Vol. I, s/d.
- MARTIUS, Carl Friedrich e Spix, Johan Baptist Von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/INL, 1975. p. 35, Tomo 3.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fundação de Manaus**. Manaus: Metro Cúbico, 1994. pp.16-19.
- PONTES FILHO, Raimundo Ferreira. **Estudos de História do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2000.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. **Os caminhos de Belém**. Belém: AGIR S.A. Editora. 1996.
- REIS, Arthur César Ferreira. **A Amazônia e a integridade do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. Apresentação. In: **E. Bradford Burns**. Manaus. Edições Governo do Estado, 1966
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Apresentação**. In: Luís de Miranda Corrêa. **O nascimento de uma cidade**. Manaus: Ed. Gov. do Estado do Amazonas, 1966.
- REIS, Arthur César Ferreira. **História do Amazonas**. Belo Horizonte/ Manaus: Itatiaia/ Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O Nascimento de uma cidade**. Manaus: Ed. Gov. do Estado do Amazonas, 1989.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1953.
- TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade**. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1976.

²¹ RIBEIRO, Berta G. **Amazônia Urgente: Cinco Séculos de História e Ecologia**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1990.